

NORA ROBERTS

PORTO DE ABRIGO

LIVRO TRÊS DA SAGA DA BAÍA DE CHESAPEAKE



Caro Leitor,

Um lar representa coisas diferentes para pessoas diferentes. Construir um lar pode ser um desafio e uma alegria.

Considerem-se com sorte, os que de nós têm boas recordações do lugar da sua infância, das tradições que por lá abundam. Porto de Abrigo fala da construção desse lar, de erguê-lo, de conservá-lo.

Ray e Stella Quinn deram a Phillip uma segunda oportunidade na vida. Ele jamais se esqueceu do que fizeram por ele. Com os irmãos, Cameron, Ethan e agora Seth, Phillip esforçou-se por manter o lar que os acolheu, cumprindo a promessa que fizera ao homem que amava. Talvez tivesse preferido a vida que tinha em Annapolis, os museus, os restaurantes, as multidões, mas cumpriu a promessa, até mesmo quando isso implicara passar uns dias na Costa, aplicado por entre cascos e trabalho braçal.

Era um lar que Ray haveria de ter querido para os seus filhos, para todos eles. Para manter a sua promessa, bem como o seu lar, Phillip tem de aceitar o rapaz que Ray trouxe para as suas vidas, e lidar com uma bela mulher, cujos se-

gredos os irão afectar a todos — uma mulher que precisa tanto da sua confiança quanto do seu coração.

Para limpar o nome do pai e cumprir um voto solene, os Quinn vão unir-se. Uma família constituída pelo destino e pelos corações generosos de um casal especial.

Nora Roberts

**PARA ELAINE E BETH,
AS IRMÃS MAIS DEDICADAS...
APESAR DE NÃO VESTIREM ORGANDI AZUL,
NEM CANTAREM**

PRÓLOGO

Phillip Quinn morreu aos treze anos. Mas como a equipa médica, exausta e mal paga, das urgências do Hospital Distrital de Baltimore o ressuscitou em menos de noventa segundos, não esteve morto durante muito tempo.

Segundo ele, foi tempo mais que suficiente.

O que o matou, em linhas breves, foram duas balas de calibre .25, despejadas durante um trabalhinho de sábado à noite, pela janela aberta de um *Toyota Celica* roubado. O dedo no gatilho pertencera a um amigo íntimo — ou o que de mais aproximado podia ter um ladrãozeco de treze anos, nas ruas cruéis de Baltimore.

As balas falharam o coração. Por pouco, mas nos anos seguintes, Phillip haveria de achar que fora longe o bastante.

O coração, jovem e forte, apesar de tristemente extenuado, continuara a bater enquanto ele permanecia deitado, a esvair-se em sangue por cima dos preservativos usados e dos frasquinhos de crack, na sarjeta imunda da esquina da Fayette com a Paca.

A dor era obscena, como lâminas afiadas, em brasa, que lhe perfuravam o peito. Mas a dor lancinante recusara-se a entregá-lo para a libertação da inconsciência. Permaneceu acordado e consciente, a ouvir os gritos de outras vítimas ou de quem passava, o chiar dos travões, o refulgir dos motores, e os seus próprios arquejos entrecortados e breves.

Acabara de fazer negócio com uma mão-cheia de aparelhos electrónicos que roubara no assalto a um terceiro andar, a menos de quatro quarteirões dali. Tinha duzentos e cinquenta dólares no bolso e pedira esmola, até conseguir um saco cheio de moedas para passar a noite. Como se haviam acabado os noventa dias na casa de correcção, por causa de mais um assalto com arrombamento que não correu muito bem, ficara sem abrigo. E sem dinheiro.

Agora, parecia que se lhe acabara a sorte.

Mais tarde, lembra-se de ter pensado, Merda, oh, merda, como isto dói! Mas não conseguiu pensar em mais nada. Atravessara-se no caminho. Sabia disso. As balas não se destinavam a ele. Conseguira ver de fugida as cores do gangue naqueles três segundos antes de dispararem a arma. Eram as suas cores, de quando se dera ao trabalho de se juntar a um dos gangues que vagueavam pelas ruas e becos da cidade.

Se não tivesse fugido às garras do sistema, não estaria naquela esquina, naquele preciso momento. Ter-lhe-iam dito para se afastar, e não estaria agora ali caído no chão, a esvair-se em sangue, a fitar as entranhas sujas da sarjeta.

Luzes piscavam — azuis, vermelhas e brancas. O clamor das sirenes elevava-se sobre os clamores humanos. Polícias. Apesar da dor lancinante, o seu instinto instigava-o a fugir. Na sua mente, levantara-se, jovem e ágil, astuto, fundindo-se nas sombras. Mas o mero esforço que implicava pensar nisso causava-lhe suores frios, que lhe escorriam pela cara abaixo.

Sentiu uma mão no ombro, e dedos que lhe tacteavam a fraca pulsação no pescoço.

Este está a respirar. Chamem os paramédicos.

Alguém o virou. A dor tornara-se insuportável, mas ainda assim, não conseguiu soltar o grito que trazia preso dentro da cabeça. Viu rostos suspensos, o olhar duro de um polícia,

a expressão severa do paramédico. Luzes vermelhas, azuis e brancas feriam-lhe os olhos. Alguém chorava alto entre soluços agudos.

Aguenta-te, miúdo.

Porquê? Só queria perguntar porquê. Magoava-o estar ali. Nunca haveria de se conseguir safar, como outrora prometera que faria. O que restava da sua vida estava a esvaír-se em tons vermelhos para a sarjeta. O que acontecera antes fora apenas algo horrível. O que lhe restava agora era apenas a dor.

Ficar, para quê?

Por instantes, deixou-se ir, assoberbado pela dor, onde o mundo se tingia de um vermelho profundo e intenso. Algures do mundo exterior surgiu o grito das sirenes, a pressão no peito, a corrida veloz da ambulância.

Depois, as luzes outra vez, de um branco brilhante que lhe penetravam as pálpebras fechadas. Sentia-se a voar, enquanto as vozes gritavam em todas as direcções em seu redor.

Ferida de bala, peito. A pressão sanguínea oitenta a cinquenta, e a cair, pulsação fraca acelerada. Perdas de consciência. Pupilas ok.

Tipo e compatibilidade. Precisamos de radiografias. Até três. Um, dois, três.

O seu corpo parece estremecer, para cima e depois para baixo. Já não queria saber. Até o vermelho profundo começava a ficar cinzento. Um tubo abria caminho pela garganta abaixo, e nem tentava tossir, para o expelir. Mal sentia o que fosse, e dava graças a Deus por isso.

A pressão sanguínea está a cair. Vamos perdê-lo.

Já se perdera havia algum tempo, pensava ele.

Observava com um interesse vago, meia dúzia de pessoas

vestidas de verde, numa sala pequena, rodeavam um rapaz alto e louro que se encontrava deitado numa marquesa. Havia sangue por todo o lado. Sangue seu, sabia ele. Via-se naquela marquesa de peito aberto. Via-se lá de cima com uma vaga compaixão. Agora já não sentia dor, e a sensação de alívio apaziguadora quase o fez sorrir.

Permitiu-se flutuar para mais longe, até a cena lá em baixo adquirir um reflexo pérola e os sons se limitarem a ecos.

Até que a dor o começou a dilacerar, com um choque abrupto que estremeceu o corpo na marquesa, que o trouxe de volta. A luta que abraçou por não regressar revelou-se infrutífera. Voltara para dentro de si, para as sensações, para se perder de novo.

Num ápice, encontrava-se submerso numa névoa de analgésicos. Alguém ressonava. O quarto estava escuro e a cama era estreita e dura. Um raio de luz abria caminho, filtrado por uma janela de vidro manchada de impressões digitais. Máquinas apitavam e exerciam um movimento de refluxo monótono. Querendo apenas fugir àqueles ruídos, deixou-se mergulhar outra vez.

Durante dois dias, viveu breves momentos de consciência. Teve muita sorte. Pelo menos, foi isso que lhe disseram. Havia uma enfermeira bonita, de olhar cansado, e um médico de cabelo grisalho e lábios finos. Não estava disposto a acreditar neles, nem mesmo a ver-se tão fraco que mal conseguia levantar a cabeça, nem quando a dor lancinante regressava implacavelmente ao seu corpo a cada duas horas.

Quando os dois polícias entraram, ele estava consciente, e a dor desvanecera-se sob ligeiras camadas de morfina. Bastou um olhar para perceber que eram polícias. A sua intuição não se encontrava tão toldada, que não reconhecesse o andar, os sapatos, os olhos. Não precisava da identificação que lhe mostraram.

— Tem um cigarro? — perguntava Phillip a toda a gente que passava. Sentia um desespero gritante por nicotina, apesar de duvidar que conseguisse deitar a mão a um cigarro a sério.

— És muito novo para fumar. — O primeiro polícia estampou no rosto um sorriso avuncular e deixou-se ficar ao lado da cama. *Era o Bom Polícia*, pensava Phillip, aborrecido.

— Estou a envelhecer a cada minuto que passa.

— Tens sorte em estar vivo. — O segundo polícia mantinha uma expressão severa, ao puxar do bloco de notas.

E o Polícia Mau, decidiu Phillip. Sentia-se quase divertido.

— É isso que me estão sempre a lembrar. Afinal, que raio é que aconteceu?

— Esperava que nos contasses. — O Polícia Mau pousou o lápis numa página do bloco.

— Levei com um tiro nas ventas.

— O que é que andavas a fazer na rua?

— Acho que estava a ir para casa. — Já decidira como ia jogar, e deixou cair as pálpebras. — Não me lembro bem. Tinha ido... ao cinema? — Deixou uma interrogação no ar, abrindo os olhos. Percebia que o Polícia Mau não se deixara convencer, mas o que podiam fazer?

— Que filme é que foste ver? Foste com quem?

— Ouça, não faço ideia. Está tudo muito confuso. Num momento estava a passear, no outro estava caído de barriga para baixo.

— Conta-nos só o que te lembrares. — O Polícia Bom pousou a mão no ombro de Phillip. — Não tenhas pressa.

— Foi tudo muito rápido. Ouvi tiros... deviam ser tiros. Alguém começou a gritar, e foi como se qualquer coisa tivesse explodido no meu peito. — Até ali, não fugira à verdade.

— Viste algum carro? Visto ao autor dos disparos?

Ambos permaneciam vívidos no seu cérebro, como ácido sobre ferro. — Acho que vi um carro... de cor escura. Um flash.

— Pertences aos Flames.

Phillip desviou o olhar para o Polícia Mau. — Dou-me com eles, de vez em quando.

— Três dos corpos que recolhemos nas ruas eram membros da Tribe. Não tiveram a tua sorte. Existe uma grande animosidade entre os Flames e a Tribe.

— Foi o que ouvi dizer.

— Levaste dois tiros, Phil. — O Polícia Bom esboçou no rosto uma expressão preocupada. — Mais um milímetro para o lado, e morrias antes de embater no chão. Pareces ser um miúdo esperto. Um miúdo esperto não é parvo, achando que deve manter-se leal a uma cambada de idiotas.

— Não vi nada. — Não se tratava de lealdade. Era instinto de sobrevivência. Se desse com a língua nos dentes, estava morto.

— Tinhas mais de duzentos dólares na carteira.

Phillip encolheu os ombros, arrependido, ao sentir a dor atizada pelo gesto. — Ai, sim? Bom, talvez dê para pagar a conta, aqui no Hilton.

— Não te armes em esperto comigo, meu vadio. — O Polícia Mau debruçou-se na cama. — Todos os dias encontro merda da tua laia. Não passam um dia fora do sistema sem acabar a sangrar na valeta.

Phillip nem pestanejou. — Levar um tiro é considerada violação da liberdade condicional?

— Onde arranjaste o dinheiro?

— Não me lembro.

— Estiveste a fazer negócio no Supermercado da Droga.

— Encontraram droga na minha roupa?

— Talvez. Não te deves lembrar, pois não?

Bem jogado, pensava Phillip. — Agora até me dava jeito.

— Descontrai um bocado. — O Polícia Bom rodou nos calcanhares. — Olha, filho, se colaborares, seremos justos contigo. Tens passado a vida dentro e fora do sistema, por isso já sabes como as coisas funcionam.

— Se o sistema funcionasse, eu não estaria aqui, pois não? Não me podem fazer nada que já não tenham feito antes. Por amor de Deus, se soubesse que se ia passar alguma coisa, nem sequer teria lá estado.

O súbito burburinho no corredor desviou a atenção do polícia. Phillip limitou-se a fechar os olhos. Reconheceu a voz que gritava numa fúria imensa.

Pedrada, foi a primeira e última coisa em que pensou. Assim que ela entrou no quarto, aos tropeções, ele abriu os olhos e viu que acertara em cheio.

Arranjara-se toda para a visita, reparou. O cabelo amarelo estava apanhado e a laca tratara de o manter submisso, e também aplicara a maquilhagem completa. Por baixo de tudo aquilo, era possível que fosse uma bela mulher, mas a máscara era espessa e dura. Tinha um bom corpo, que era o que ainda a mantinha no activo. Para strippers que fazem biscates na prostituição é essencial uma boa embalagem. Vestia um top sem costas e jeans, caminhando na direcção da cama ao som dos saltos de oito centímetros.

— Quem é que achas que vai pagar esta porcaria? Só me dás trabalho.

— Olá, mãe, que bom ver-te também.

— Não comeces com coisas. A polícia foi bater-me à porta por tua causa. Já estou farta. — lançou um olhar aos homens, um de cada lado da cama. Tal como o filho, percebeu

que eram polícias. — Ele já tem quase catorze anos. Já não posso aturá-lo. Desta vez, ele que não se vire para o meu lado. Não quero saber mais de polícias e assistentes sociais a metem o nariz na minha vida.

Empurrou a enfermeira que apareceu para lhe agarrar no braço, e depois debruçou-se na cama. — Porque raio não morreste?

— Não sei — respondeu Phillip, calmo. — Tentei.

— Nunca prestaste para nada. — Assobiou para o Polícia Bom, assim que ele a puxou para trás. — Nunca prestou para nada. Não me apareças à procura de sítio para ficar, quando saíres daqui — gritou ela, enquanto a arrastavam dali para fora. — Estou farta de ti.

Phillip ficou à espera, a ouvi-la praguejar, gritar, a exigir papéis para assinar e, assim, ver-se livre dele. Depois, ergueu o olhar para o Polícia Mau. — Acham que me metem medo? Sei viver com isso. Não há nada pior do que viver com isso.

Dois dias depois, estranhos entraram no quarto. O homem era enorme, de olhos azuis-brilhantes num rosto largo. A mulher tinha cabelo ruivo indomável que fugia de um puxo aninhado na nuca, e um rosto salpicado de sardas. A mulher pegou na ficha dele aos pés da cama, analisou-a e bateu-a de encontro à palma da mão.

— Olá, Phillip. Sou a Dra. Stella Quinn. Este é o meu marido, Ray.

— Sim, e depois?

Ray puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se, com um suspiro prazenteiro. Inclinou a cabeça, estudando Phillip por instantes. — Estás metido numa grandessíssima alhada, não estás? Queres ver-te livre dela?

UM



Phillip desapertou o nó Windsor da gravata Fendi. Era um longo percurso, de Baltimore até à Costa Leste de Maryland, e tinha programado o leitor de CD nesse sentido. Começou com algo bem suave, ao som de Tom Petty and the Heartbreakers.

O trânsito de quinta-feira à noite estava mau como de costume, e piorou ainda mais devido à chuva mole e aos curiosos, que não resistiam a uma espreitadela demorada e fascinada ao acidente que envolvera três carros na Circular de Baltimore.

Quando, por fim, virou para sul na Estrada 50, nem mesmo os acordes quentes dos velhinhos Stones o conseguiram animar.

Trouxera trabalho para fazer e, de certa forma, tinha de arranjar tempo para a conta da Pneus Myerstone durante o fim-de-semana. Queriam uma imagem totalmente nova para uma campanha publicitária. *Pneus felizes fazem condutores felizes*, pensava Phillip, tamborilando os dedos no volante, ao som da guitarra marginal de Keith Richards.

Era uma bela treta, decidiu. Ninguém ficava feliz, a conduzir no meio da chuva, no trânsito à hora de ponta, por melhor que fosse a borracha que lhe revestia as rodas.

Mas ele lembrara-se de algo que ia pôr os consumidores a pensar que conduzir com Myerstones, torná-los-ia felizes, seguros e sensuais. Era o seu trabalho, e era bom no que fazia.

Bom o suficiente para gerir quatro contas importantes, supervisionar o andamento de seis mais pequenas e sempre sem revelar qualquer esforço, ao percorrer os corredores lustrosos da Innovations, a empresa publicitária de renome onde trabalhava. Uma empresa que primava pelo estilo, a exuberância e a criatividade dos seus executivos.

Não lhe pagavam para que suasse.

Todavia, sozinho, já não era bem assim.

Sabia há meses que andava a queimar os últimos cartuchos. Com um ligeiro golpe do destino, deixara de viver para Phillip Quinn para se perguntar o que teria acontecido ao seu estilo de vida urbano, feliz e nómada.

A morte de seu pai, há apenas seis meses, virara-lhe a vida do avesso. A vida que Ray e Stella Quinn tinham endireitado há dezassete anos. Entraram naquele quarto de hospital medonho e ofereceram-lhe uma oportunidade e uma opção. Aproveitara a oportunidade, por ser esperto o bastante para perceber que não tinha opção.

Voltar para a rua deixara de ser tão apelativo, desde que o seu peito fora perfurado pelas balas. Viver com a mãe deixara de ser uma hipótese, até mesmo se ela mudasse de ideias e o deixasse voltar para o apartamento minúsculo nos subúrbios de Baltimore. A Assistência Social estava a analisar a situação a fundo, e ele sabia que mal se pusesse de pé, cairia novamente nas malhas do sistema.

Não fazia intenções de voltar a alinhar no sistema, nem de voltar a viver com a mãe, nem sequer de ir parar à sarjeta. Já se decidira quanto a isso. Achava que a única coisa de que precisava era de ganhar tempo para engendrar um plano.

De momento, esse tempo era suavizado pelas drogas fantásticas que nem se dera ao trabalho de comprar ou roubar. Mas imaginava que aquela pequena benesse tinha fim à vista.

Com o *Demerol* a fluir-lhe pelo organismo, lançou uma olhadela prudente aos Quinn, assumindo que se tratava de um casal maluco, sem mais o que fazer. Por ele, tudo bem. Se queriam armar-se em samaritanos, oferecer-lhe um sítio para ficar até se sentir a cem por cento, problema deles. Melhor para si.

Disseram que tinham uma casa na Costa Leste, o que para um rapaz dos subúrbios ficava na outra metade do mundo. Mas imaginava que uma mudança de cenário lhe faria bem. Tinham dois filhos quase da mesma idade dele. Phillip decidiu que não tinha de se preocupar com um par de parvalhões que os samaritanos tinham criado.

Disseram-lhe que tinham regras, e que a educação era uma prioridade. Para ele, a escola não era uma delas. Haveria de pensar nisso, se decidisse ir com eles.

Nada de droga. Afirmou Stella, naquela voz gelada, que obrigou Phillip a reavaliá-la, ao assumir uma expressão angélica, para responder um cordial Não, senhora. Não tinha dúvidas de que, quando precisasse de um chuto, haveria de encontrar um fornecedor, até mesmo numa cidadezinha de merda na Baía.

Depois, Stella debruçou-se na cama, de olhar franzido, a boca num sorriso fino.

O teu rosto parece saído de uma pintura da Renascença. Mas isso não faz de ti menos ladrão, vadio e mentiroso. Vamos ajudar-te, se quiseres a nossa ajuda. Mas não nos trates como imbecis.

E Ray soltou a sua gargalhada enorme e estridente. Apertou o ombro de Stella e de Phillip ao mesmo tempo. *Seria interessante*, lembrava-se Phillip de o ter ouvido afirmar, assistir aos dois à cabeçada nos primeiros tempos.

Nas duas semanas seguintes, eles voltaram imensas vezes.

Phillip falava com eles e com a assistente social, que se revelava muito mais fácil de enganar do que os Quinn.

Acabaram por o levar do hospital para casa, a linda casinha branca à beira da água. Conheceu os filhos deles, analisando a situação em que se encontrava. Quando soube que os outros rapazes, Cameron e Ethan, tinham passado pelo mesmo que ele, teve a confirmação de que eram todos lunáticos.

Decidiu esperar pelo momento certo. Para uma médica e um professor universitário, não tinham acumulado muitos objectos de valor e fáceis de roubar. Mas já fisgara o que valia a pena.

Em vez de os roubar, apaixonou-se por eles. Ficou com o apelido e passou os dez anos seguintes na casa à beira da água.

Depois, Stella morreu, e parte do seu mundo desabou. Ela tornara-se na mãe que não acreditava que existisse. Firme, forte, amorosa e sensata. Chorou a morte dela, a primeira perda real que sofrera na vida. Enterrou grande parte desse desgosto com trabalho, tentando a todo o custo entrar na universidade, a caminho de uma carreira de sucesso e de um laivo de sofisticação — bem como de um lugar básico na Innovations.

Mas não tinha intenções de ficar na mó de baixo por muito tempo.

Conseguir o lugar na Innovations, em Baltimore, fora um pequeno triunfo pessoal. Ia voltar à cidade que só lhe trouxera desgraças, mas ia voltar como um homem de bom gosto. Ninguém que visse o homem de fato feito à medida podia suspeitar de que outrora fora um ladrão astuto, um traficante de droga de ocasião e por vezes até prostituto.

Tudo o que conseguira nos últimos dezassete anos podia remontar àquele momento em que Ray e Stella Quinn entraram no seu quarto de hospital.

Até que, subitamente, Ray morreu, deixando sombras suspensas que a luz ainda não tinha dissipado. O homem que Phillip amara tão incondicionalmente, como um filho podia amar um pai, perdera a vida numa estrada deserta em plena luz do dia, quando o carro que conduzia fora embater num poste telefónico, a alta velocidade.

Vira-se noutro quarto de hospital. Desta vez, era o Poderoso Quinn que estava desfeito na cama, auxiliado pelas máquinas. Phillip, juntamente com os irmãos, prometeu tomar conta e criar o último dos indigentes de Ray Quinn, outro menino perdido.

Mas este rapaz tinha segredos e fitava-o com os olhos de Ray.

O falatório na zona costeira e nos arredores da pequena cidade de S. Cristóvão, na Costa Leste de Maryland, apontava para adultério, suicídio, escândalo. Nos seis meses que se seguiram ao início dos boatos, Phillip achava que nem ele, nem os irmãos, se encontravam mais perto de descobrir a verdade. Quem era Seth DeLauter e o que representara para Ray Quinn?

Outro indigente? Outro adolescente, afogado num mar sombrio de negligências e violência, que precisava tão desesperadamente de um fio condutor na vida? Ou seria mais do que isso? Um Quinn de sangue, além de circunstancial?

A única coisa que Phillip sabia era que Seth, de dez anos, era seu irmão, tanto quanto Cam e Ethan o eram. Todos tinham sido resgatados de um pesadelo e tido a oportunidade de mudar de vida.

Com Seth, Ray e Stella não estavam presentes para manter as opções em aberto.

Havia uma parte de Phillip, uma parte que vivera dentro de um jovem e descuidado ladrão, que se ressentia da mera

possibilidade de Seth ser mesmo filho de sangue de Ray, um filho concebido no adultério e abandonado devido à vergonha. Seria uma traição a tudo o que os Quinn lhe tinham ensinado, a tudo o que lhe haviam mostrado, ao viverem como tinham vivido.

Detestava-se só de pensar nisso, por saber que de vez em quando olhava para Seth com uma expressão fria e desconfiada, imaginando se a existência do rapaz seria a causa da morte de Ray Quinn.

Sempre que aquele pensamento desagradável lhe vinha à cabeça, Phillip transferia a imagem para Gloria DeLauter. A mãe de Seth era a mulher que acusara o professor Quinn de assédio sexual. Alegava que acontecera há alguns anos, quando estudava na universidade. Mas não havia qualquer registo de ela ter sequer frequentado as aulas.

A mesma mulher vendera o filho de dez anos a Ray, como se fosse uma embalagem de carne. A mesma mulher, Phillip tinha a certeza, que Ray fora ver a Baltimore antes de conduzir de regresso a casa — num caminho para a morte.

Ela desaparecera. Há semanas, havia enviado aos Quinn uma carta de chantagem nada subtil: se querem ficar com o miúdo, preciso de mais. Phillip cerrava o maxilar, quando se lembrava do medo visceral no rosto de Seth ao receber a notícia.

Não ia pôr a vista em cima do miúdo, convencia-se ele. Ela ia descobrir que os irmãos Quinn eram mais duros de roer do que um velhote de coração mole.

Agora, já não era só um assunto dos irmãos Quinn, pensava ele, ao virar para a estrada de campo que o haveria de levar até casa. Pensava na família, ao mesmo tempo que conduzia com rapidez pela estrada ladeada de campos de soja, ervilhas e milho, que crescia mais alto do que um homem. Agora que

Cam e Ethan tinham casado, Seth também ganhara duas mulheres determinadas para o apoiar.

Casados. Phillip abanava a cabeça, divertido com a ideia. Quem haveria de pensar? Cam sucumbira aos encantos da assistente social atraente, e Ethan casara com a Grace de olhos doces. *Fora pai num ápice*, recordava Phillip, *da angelical Aubrey*.

Ainda bem para eles. Na verdade, tinha de admitir que Anna Spinelli e Grace Monroe tinham sido feitas à medida para os seus irmãos. Só iria fortalecê-los mais enquanto família, quando chegasse a altura da audiência de atribuição da custódia permanente de Seth. E sem dúvida que se estavam a dar bem com o casamento. Apesar de a própria palavra ainda lhe dar arrepios.

Para si, Phillip preferia a vida de solteiro e todas as vantagens inerentes. Não que tivesse tido muito tempo para aproveitar ao máximo essas vantagens nos últimos meses. Os fins-de-semana em S. Cris, a supervisionar os trabalhos de casa, a tratar dos cascos dos Barcos dos Quinn, a despachar a papelada do novo negócio, a ir às compras — sem saber como, tudo ficara a seu cargo — limitavam o estilo de vida de um homem.

Prometera ao pai no seu leito de morte que tomaria conta de Seth. Fez um pacto com os irmãos em que prometia voltar a viver na Costa, para partilhar a tutela e as responsabilidades. Para Phillip, esse pacto significava que tinha de dividir o tempo entre Baltimore e S. Cristóvão, bem como as energias entre manter a carreira — e o vencimento — e cuidar de um irmão novo e algo problemático, bem como de um novo negócio.

Era tudo um risco. Educar um rapaz de dez anos sem dores de cabeça nem erros grosseiros, na melhor das circunstâncias, imaginava ele. Seth DeLauter, criado por uma

prostituta em part-time, drogada a tempo inteiro, e chantagista amadora, dificilmente sabia quais eram as melhores circunstâncias.

Erguer um negócio de construção naval implicava uma quantidade de pormenores e de trabalho extenuante. Contudo, sem saber como, estava a funcionar, e se não levasse em consideração o tempo e a energia que tudo lhe exigia, estava a correr bastante bem.

Num passado recente, os seus fins-de-semana eram passados na companhia de uma quantidade de mulheres atraentes, interessantes, a jantar num qualquer sítio da moda, o serão passado no teatro ou num concerto, e se a química estivesse de feição, um calmo pequeno-almoço tardio de domingo na cama.

Haveria de voltar a essa vida, prometia Phillip, assim que arrumasse todos os pormenores, teria a sua vida de volta. Mas, como o pai lhe diria, nos próximos tempos...

Virou na entrada para os carros. A chuva cessara, deixando uma película de água sobre as folhas e a erva. O crepúsculo começava a instalar-se. Conseguia ver a luz na janela da sala de estar a reluzir, que o recebia de forma terna e segura. Algumas das flores de Verão que Anna cuidara haviam perdurado, e os precoces botões de Outono cintilavam entre as sombras. Conseguia ouvir o cãozinho a ladrar, apesar de em nove meses o Tolinho ter crescido tanto, que quase já não se podia conceder-lhe esse diminutivo.

Lembrou-se de que era a noite de Anna cozinhar. Graças a Deus. Era sinal que se ia servir uma refeição a sério em casa dos Quinn. Girou os ombros, pensou em beber um copo de vinho, e ficou a ver Tolinho a correr à volta da casa, a perseguir uma bola de ténis amarela de aspecto miserável.

A imagem de Phillip a sair do carro, obviamente distraiu

o cão da brincadeira. Estacou de imediato e desatou a ladrar desalmadamente, assustado.

— Idiota. — Mas sorria, enquanto tirava a pasta do Jeep.

Ao ouvir a voz familiar, o ladrar transformou-se em alegria descontrolada. Tolinho acorreu a saltar-lhe para cima, com um olhar maravilhado e as patas molhadas e enlameadas. — Não saltes! — gritava Phillip, usando a pasta como escudo. — Não estou a brincar. Senta-te!

Tolinho estremeceu, mas deixou cair o traseiro no chão e deu-lhe a pata. A língua pendurada, os olhos reluzentes. — Que cão mais lindo. — Cautelosamente, Phillip sacudiu a pata imunda e coçou as orelhas macias do cão.

— Hei. — Seth apareceu no pátio. Envergava uns jeans sujos, de brincar com o cão, usava o boné de basebol de esguelha, deixando rebelde o cabelo liso, cor de palha. O sorriso, reparava Phillip, surgiu bem mais depressa e mais fácil do que há uns meses atrás. Mas ostentava um espaço vazio.

— Hei. — Phillip bateu com o dedo na pala do boné. — Perdeste alguma coisa?

— Huh?

Phillip bateu com os dedos nos seus dentes, brancos e perfeitos.

— Oh, sim. — Com um encolher de ombros típico dos Quinn, Seth sorriu, enfiando a língua no espaço. O seu rosto estava agora mais redondo do que há seis meses, e os olhos menos circunspectos. — Estava a abanar. Tive de lhe dar um puxão, há uns dias. Sangrou como a merda.

Phillip nem se deu ao trabalho de suspirar, devido à linguagem usada por Seth. Certas coisas, concluiu, não deviam ser problema dele. — Então, a Fada dos Dentes trouxe-te alguma coisa?

— Por favor.

— Hei, se não extorqueres uma nota ao Cam, não és meu irmão, não és nada.

— Cravei dois dólares. Um a Cam e outro a Ethan.

Rindo, Phillip passou o braço por cima dos ombros de Seth e caminhou na direcção de casa. — Bom, a mim é que não enganas. Já te topei. Como é que correu a primeira semana de aulas a sério?

— Uma seca. — Apesar de não ser verdade, admitia Seth em silêncio. Fora interessante. A tralha toda que Anna fora com ele comprar. Lápis afiados, cadernos novos, canetas cheias de tinta. Recusara a lancheira dos Ficheiros Secretos que ela lhe quisera oferecer. Só um pacóvio é que andava com uma lancheira na escola preparatória. Mas tinha achado porreiro e muito à frente gozar com aquilo.

Tinha roupa nova e ténis bem fixes. O melhor de tudo era que, pela primeira vez na vida, estava no mesmo sítio, na mesma escola, com as mesmas pessoas desde Junho.

— Trabalhos de casa? — perguntou Phillip, levantando as sobranceiras, ao abrir a porta da frente.

Seth revirou os olhos. — Pá, será que não pensas em mais nada?

— Puto, eu vivo para os trabalhos de casa. Especialmente, se forem os teus. — O Tolinho entrou de rompante pela porta, à frente de Phillip, quase derrubando-o de entusiasmo. — Ainda tens de fazer uns certos trabalhos de casa com aquele cão. — Mas a ligeira irritação desvaneceu-se num instante. Conseguia cheirar o molho de tomate de Anna no ponto, como ambrósia no ar. — Deus nos abençoe a todos — murmurou.

— Manicotti — informou Seth.

— A sério? Trouxe um *Chianti* que andava a guardar para uma ocasião destas. — Atirou a pasta para o lado. — Depois de jantar, tratamos dos estudos.

Encontrou a cunhada na cozinha, a encher tubos de massa com queijo. As mangas da blusa branca frisada que vestira para ir trabalhar estavam arregaçadas, e um avental branco de talhante tapava-lhe a saia azul-marinho. Descalçara os sapatos de salto alto e batia os pés ao ritmo da ária que trauteava. Carmen, reconheceu Phillip. A sua maravilhosa cabeleira de caracóis negros ainda se encontrava presa no alto da cabeça.

Piscando o olho a Seth, Phillip apareceu por trás dela, agarrando-a pela cintura e depositou-lhe um beijo sonoro no alto da cabeça. — Foge comigo. Podemos mudar de nome. Podes ser a Sophia e eu o Carlo. Deixa-me levar-te ao paraíso, onde podes cozinhar para mim, e mais ninguém. Nenhum destes campónios te dá valor como eu.

— Deixa-me só terminar este tubo, Carlo, que vou já fazer a mala. — Virou a cabeça, os olhos negros italianos a sorrir. — O jantar está pronto em meia hora.

— Vou abrir o vinho.

— Não podemos comer qualquer coisa agora? — indagou Seth.

— Tens antipasto no frigorífico — informou ela. — Vai lá buscá-lo.

— São só vegetais, e coisas dessas — queixou-se Seth, ao pegar na travessa.

— Pois.

— Chiça.

— Lava as mãos sujas do cão antes de começares a comer.

— A saliva dos cães é mais limpa do que a das pessoas — informou Seth. — Li que se outra pessoa te der uma dentada é pior do que se fores mordida por um cão.

— Que maravilha, agora estou muito mais esclarecida. Vai lá lavar a baba do cão das mãos.

— Bolas. — Contrariado, Seth acedeu, com Tolinho sorrateiro na sua peugada.

Phillip escolheu o vinho de uma pequena reserva que mantinha na despensa. Bons vinhos eram uma das suas paixões, e o seu palato era extremamente refinado. O seu apartamento em Baltimore ostentava uma selecção dispendiosa e escolhida com apurmo, que mantinha num armário que remodelara especificamente para esse propósito.

Na Costa, as suas amadas garrafas de *Bordeaux* e *Burgundy* faziam companhia a bolachinhas de arroz e a caixas de gelatina instantânea Jell-O.

Aprendera a viver com isso.

— Como foi a tua semana? — perguntou a Anna.

— Atarefada. Quem disse que as mulheres podem ter tudo, devia ser fuzilado. Gerir uma carreira e uma família não é pêra-doce. — Depois, olhou para cima com um sorriso brilhante. — Estou a adorar.

— Vê-se. — Tirou a rolha com mestria, cheirou e aprovou, para depois pousar a garrafa em cima do balcão, para respirar. — Onde está o Cam?

— Deve estar a chegar do estaleiro. Ele e o Ethan deixaram-se ficar a fazer mais umas horas. O primeiro Barco dos Quinn está acabado. O proprietário chega amanhã. Está acabado, Phillip. — O sorriso dela cintilava, brilhante e reluzente de orgulho. — Está na doca, amado e simplesmente maravilhoso.

Ele sentiu uma certa desilusão, por não ter lá estado no último dia. — Devíamos abrir um champanhe.

Anna ergueu o sobrolho, ao estudar o rótulo da garrafa de vinho. — Uma garrafa de *Folonari*, Ruffino?

Achava que uma das maiores qualidades de Anna, era ser grande apreciadora de bom vinho. — De setenta e cinco — disse ele com um sorriso rasgado.

— Não me vais ouvir a queixar. Parabéns, Sr. Quinn, pelo seu primeiro barco.

— Não fui eu que fiz negócio. Eu só trato dos pormenores e passo para o trabalho escravo.

— É claro que fizeste negócio. Os pormenores são necessários, e nem o Cam nem o Ethan conseguem tratar deles com a tua sensibilidade.

— Acho que a palavra que eles usam é «resmunguice».

— Eles precisam de alguém que resmungue. Devias estar orgulhoso do que os três conseguiram nos últimos meses. Não só do novo negócio, mas da família. Cada um abdicou de algo importante por causa de Seth. E cada um recebeu uma coisa importante também.

— Nunca pensei que o miúdo fosse tão importante. — Enquanto Anna cobria de molho os tubos recheados, Phillip foi abrir o armário para tirar os copos de vinho. — Ainda tenho momentos em que fico pior que estragado.

— É natural, Phillip.

— Não me sinto melhor por saber disso. — Encolheu os ombros, esquecendo, e serviu dois copos. — A maior parte das vezes, olho para ele e penso que é uma maravilha, enquanto irmão mais novo.

Anna ralou queijo para dentro da caçarola. Do canto do olho, conseguiu ver Phillip a erguer o copo, apreciando o aroma. *Ele era lindo de se ver*, pensou ela. Fisicamente, estava tão perto da perfeição masculina quanto podia imaginar. Cabelo acobreado, espesso e farto, olhos mais dourados do que castanhos. O seu rosto era longo, estreito, pensativo. Sensual e celestial. A sua constituição alta e bem definida parecia ter sido esculpida para fatos italianos. Mas desde que o vira em tronco nu, envergando umas *Levis* gastas, sabia que nele não havia nada de brando.

Sofisticado, duro, erudito, subtil. *Um homem interessante*, pensava.

Colocou a caçarola no forno, para de seguida pegar no vinho. Sorrindo, brindou com o copo dele. — Tu também és uma maravilha, Phillip, para irmão mais velho.

Inclinou-se para o beijar ao de leve, ao mesmo tempo que Cam entrava.

— Afasta essa boca da minha mulher.

Phillip limitou-se a sorrir e passou o braço à volta da cintura de Anna. — Foi a dela que começou. Gosta de mim.

— Mas gosta mais de mim. — Para o provar, Cam enfiou a mão no laço do avental de Anna, fê-la girar para os seus braços, e beijou-a com ímpeto. Sorriu, mordiscou-lhe o lábio inferior e deu-lhe uma palmada no rabo, amistosamente. — Não gostas, doçura?

Ela ainda sentia a cabeça a andar à roda. — Provavelmente. — Soltou um suspiro. — Vendo bem as coisas. — Mas acabou por se soltar. — Estás imundo.

— Só vim buscar uma cerveja para levar para o chuveiro. — Esguio e elegante, sombrio e perigoso, deambulando, foi até ao frigorífico. — E beijar a minha mulher — acrescentou, com uma expressão presunçosa para Phillip. — Trata de arranjar uma mulher para ti.

— E tempo para isso? — indagou Phillip, sofredor.

Depois do jantar, e de uma hora passada a desbravar a grande divisão, as batalhas da Guerra da Independência e o vocabulário do sexto ano, Phillip instalou-se no quarto, com o portátil e os ficheiros.

Era o mesmo quarto que Ray e Stella lhe deram quando o levaram para casa. Nessa altura, as paredes eram de

um verde-pálido. Mais ou menos na altura em que fez dezasseis anos, arranjou um penteado rebelde e pintou-as de magenta. Só Deus sabia porquê. Lembrava-se de que a mãe — uma vez que Stella nessa altura já era a sua mãe — à primeira vista, avisou-o que haveria de sofrer de uma indigestão fatal.

Ele achava sensual. Durante cerca de três meses. Depois, mudou-as para um branco decidido por uns tempos, adornando-as com fotografias a preto e branco, em temperamentais molduras pretas.

Sempre à procura de uma certa atmosfera, pensava Phillip agora, divertido. Voltara àquele verde-claro um pouco antes de se mudar para Baltimore.

Talvez nunca as devesse ter mudado, imaginava. Os pais é que tinham razão.

Deram-lhe aquele quarto, naquela casa, naquele sítio. Não lhes facilitara a vida. Os primeiros três meses decorreram num conflito de temperamentos. Afundava-se em drogas, provocava brigas, roubava álcool e entrava em casa bêbedo, de madrugada.

Era evidente para ele agora que os andara a testar, desafiando-os a pô-lo na rua. A mandá-lo de volta. *Força*, pensara ele. Não têm estofó para mim.

Mas tinham. Não só tiveram estofó, como fizeram dele o que era.

Gostava de saber, Phillip, comentara o pai com ele, porque é que insistes em desperdiçar uma boa cabeça e um bom corpo. Porque é que queres que os imbecis levem a melhor.

Phillip, que sofria de maus fígados e tinha a cabeça feita num oito, devido à ressaca de drogas e álcool, não ligou nenhuma.

Ray levou-o a dar uma volta de barco, alegando que um belo passeio lhe ia aclarar as ideias. Sentindo-se abaixo de cão, Phillip debruçou-se na amurada e vomitou os restos dos tóxicos que havia tomado na noite anterior.

Acabara de fazer catorze anos.

Ray atracou o barco num pequeno estreito. Agarrou na cabeça de Phillip, limpou-lhe a cara e depois ofereceu-lhe uma lata fresca de ginger ale.

— Senta-te.

Mais do que sentar-se, desmoronou-se. Tremiam-lhe as mãos, o estômago revoltado ao sorver o primeiro golo da lata. Ray estava sentado à sua frente, as mãos grandes sobre os joelhos, o cabelo prateado a esvoaçar na brisa suave. E aqueles olhos, aqueles olhos azuis-brilhantes, uniformes e pensativos.

— Já tiveste uns meses para te habituares às coisas por aqui. A Stella diz que recuperaste fisicamente. És forte e bastante resistente, mas sabes que isso vai acabar se continuares a viver assim.

Franziu os lábios, ficando alguns momentos em silêncio. Viu uma garça-real na erva alta, imóvel como num quadro. O ar estava límpido e sentia-se o fresco do Outono tardio, as árvores nuas de folhas, abrindo o cenário para o céu azul-escuro que se espraiava no horizonte. O vento aflagava a erva e deslizava sobre a água.

O homem permanecia sentado, aparentemente satisfeito com o silêncio e o cenário. O rapaz tinha o corpo encurvado, o rosto pálido e o olhar perdido.

— Podemos fazer isto de muitas formas, Phil — disse Ray, por fim. — Podemos ser lixados. Podemos dar-te rédea curta, controlar-te a toda a hora e desancar-te sempre que fazes asneira. O que está sempre a acontecer.

Pensativo, Ray pegou numa cana de pesca e, distraído, começou a colocar uma goma como isco. — Ou podemos admitir que esta pequena experiência não correu bem e voltas para o sistema.

O estômago de Phillip começou às voltas, obrigando-o a engolir para não expelir aquilo que não reconhecia como medo. — Não preciso de vocês. Não preciso de ninguém.

— Precisas, sim — disse Ray, meigo, ao mesmo tempo que deitava a linha à água. Brotou uma ligeira ondulação, interminável. — Voltas para o sistema e ficas lá. Daqui a uns anos, deixa de ser a casa de correcção. Vais acabar numa cela com os maus da fita, o tipo de gente que é capaz de engraçar com essa tua carinha linda. Um presidiário de dois metros com mãos de presunto fumado, um belo dia vai-te agarrar no chuveiro e fazer de ti sua namorada.

Phillip ansiava desesperado por um cigarro. A imagem conjurada pelas palavras de Ray fez-lhe brotar suores frios na testa. — Sei tomar conta de mim.

— Filho, vais rodar que nem canapés, sabes bem disso. Tens muita lábia e não te ficas numa luta, mas há certas coisas inevitáveis. Até agora, a tua vida tem sido uma bela porcaria. Não és responsável por isso. Mas és responsável pelo que aconteça daqui para a frente.

Voltou a cair no silêncio, prendendo a cana entre as pernas para agarrar numa lata fresca de *Pepsi*. Sem pressas, Ray abriu-a, inclinou-a e bebeu.

— Eu e a Stella achávamos que tínhamos visto algo em ti — continuou. — Ainda achamos — acrescentou, voltando a olhar para Phillip. — Mas se não chegares à mesma conclusão, não vamos a lado nenhum.

— O que é que isso te interessa? — ripostou Phillip, miseravelmente.

— Agora, é difícil dizer. Talvez não valhas a pena. Talvez acabes na rua, a assediar gente e a montar esquemas.

Há três meses que tinha uma cama decente, refeições regulares e todos os livros que conseguia ler — uma das suas paixões secretas — à sua disposição. Só de pensar em perder tudo sentiu um nó na garganta, mas limitou-se a encolher os ombros. — Hei-de safar-me.

— Se a única coisa que queres é safares-te, a escolha é tua. Aqui, podes ter uma casa, uma família. Podes ter uma vida decente e fazer alguma coisa dela. Ou podes continuar na mesma.

Num ápice, Ray estendeu a mão para Phillip, e o rapaz preparou-se para o golpe, cerrando os punhos para ripostar. Mas Ray apenas levantou a camisa de Phillip, para ver as cicatrizes nítidas que tinha no peito. — Podes regressar a isto — disse, em voz baixa.

Phillip olhou bem fundo nos olhos de Ray. Viu compaixão e esperança. E viu-se reflectido, a sangrar numa valeta imunda, numa qualquer rua, onde a vida não valia um tostão furado.

Doente, cansado e aterrorizado, Phillip deixou cair a cabeça sobre as mãos. — O que é que isso importa?

— Tu és importante, filho. — Ray passou a mão sobre o cabelo de Phillip. — O importante és tu.

As coisas não mudaram da noite para o dia, pensava Phillip agora. Mas começaram a mudar. Os pais fizeram-no acreditar em si próprio, apesar de tudo. Tornou-se numa questão de honra ter boas notas na escola, aprender, reinventar-se como Phillip Quinn.

Imaginava que se tinha saído muito bem. Polira aquele miúdo de rua com um toque de classe. Tinha uma boa carreira, um apartamento bem localizado com uma vista mag-

nífica do Porto de Abrigo, e um guarda-fatos que fazia jus a ambos.

Parecia um ciclo que voltara ao início, passando os fins-de-semana no quarto de paredes verdes e mobília robusta, as janelas que davam para as árvores e o pântano.

Mas nesta altura, o mais importante era Seth.